

~~CASADO, José (caj. / inv.)~~

PUCUKIN, D.S. Poesia Escolhidas (caj. e inv. José Cordeiro). Rio: Nova

Fronteira, 1992.

Sobre

e

TRABALHO

PUCUKIN

## PREFÁCIO DO TRADUTOR

Pode parecer surpreendente que Aleksandr Púchkin, considerado pela generalidade dos leitores e dos críticos que lhe sabem a língua o maior dos poetas russos, jamais<sup>1</sup> haja sido traduzido em português.<sup>2</sup> Alguns de seus trabalhos de ficção foram, na verdade, transpostos para nosso idioma — nem sempre, é fato, a partir do original —, mas, embora o encanto dessas criações e a pureza da prosa puchkiniana sejam celebrados por todos, é na qualidade de poeta, e em verso, que ele se eleva como *primus inter pares* em seu país. E é do poeta que aqui se trata.

Ao leitor de língua portuguesa que, depois de estudar durante algum tempo o idioma russo, entra em contato com os poemas e as poesias<sup>3</sup> de Púchkin, deixa de surpreender, porém, o fato da não-existência de traduções deles naquela que um poeta brasileiro disse ser a última flor do Lácio. Explica-se: a arte puchkiniana caracteriza-se como de enganosa simplicidade. As palavras que ele utiliza são as mais comuns, as mais simples. Não há, em seus versos, hipérbolos e prosopopéias, e neles os outros artifícios retóricos, ainda nas composições de tom épico, praticamente inexistem. Tudo isto, na aparência, simplifica o trabalho do tradutor.

A dificuldade se encontra, contudo, na extraordinária flexibilidade do estilo desse poeta e no emprego freqüente, por ele, de palavras brevíssimas, de apenas uma sílaba ou, até, de nenhuma!<sup>4</sup> Por mais que o tradutor se haja esforçado para encontrar-lhes equivalência no léxico português, nem sempre foi possível expressar nesta língua, num verso de oito ou de sete sílabas, tudo quanto Púchkin conseguiu exprimir num octo- ou num heptassílabo. Se cada palavra, ainda as de função meramente conectiva, é signo de uma idéia, claro está que, se, por exemplo, um heptassílabo é construído com sete palavras monossílabas, expressam-se nele sete idéias e relações. (A rigor, isto se complica, pois cada idéia ou relação, ao expressar-se juntamente com outras, é por elas modificada e contribui para modificá-las: isto é, às idéias e relações simples representadas pelos vocábulos considerados isoladamente vêm sobrepor-se idéias e relações complexas, o que enriquece o enunciado — e põe ainda novos entraves para sua tradução perfeita.) Assim, cada verso da tradução deveria apresentar exatamente o mesmo número de palavras que o verso correspondente do original, e cada uma das palavras empregadas na tradução deveria significar exatamente o mesmo que a palavra que pretende traduzir; ter-se-ia assim a tradução ideal.

Ideal, quer dizer, manifestamente impossível. Cada língua tem sua própria estrutura e apresenta características específicas. Em certos casos, essa estrutura e essas características se assemelham às de outras línguas, mas quando duas

línguas têm origens diferentes — e esse é o caso do russo e do português —, as dissemelhanças podem ser grandes. Por ser o russo língua sintética, Púchkin não teve de empregar mais de uma palavra para dar título a uma de suas poesias: *domovómu*. Por ser analítico o nosso idioma, teremos de empregar três palavras para traduzir aquele título: *ao gênio familiar*.

Tradutores de Púchkin para outras línguas têm tentado solucionar o problema. Prática difundida — e não apenas quando se trata desse poeta — é a de adotar na tradução verso de maior número de sílabas que o do original.<sup>5</sup> Isto facilita a tarefa do tradutor, mas modifica a forma do espécime — e, em poesia (mas não apenas em poesia), a forma não é mera embalagem: ela se liga de modo inseparável ao conteúdo, e o conjunto passa a constituir um todo cujos componentes não é possível modificar sem destruí-lo.

Não é sem razão, portanto, que tradutores experientes não se têm eximido de expressar o desalento que os toma quando contemplam o resultado de suas tentativas de bem traduzir Púchkin.<sup>6</sup> Nem é sem fundamento que pessoas cujas manifestações sobre o assunto decorrem de conhecimento lingüístico próprio declarem sem reboço inexistirem traduções satisfatórias de Púchkin em inglês, por exemplo.<sup>7</sup>

Apesar de todos os obstáculos que se lhe antolhavam, o tradutor das poesias enfeixadas neste volume deu a cada espécime, em nossa língua, a mesma forma que o poeta lhe dera no original. Assim, não apenas cada uma destas traduções tem número de versos igual ao do original, mas ainda eles se acham distribuídos exatamente como o quis Púchkin, não discrepando do original o número de versos de cada estrofe da tradução. Ademais, cada verso tem tantas sílabas quanto o verso correspondente do original. Também a disposição das rimas foi meticulosamente mantida como na fonte. Outros tradutores de poesia estrangeira para nossa língua têm respeitado estas convenções. O tradutor deste volume julgou que devia ir além.

Uma convenção que rarissimamente ou nunca (ao menos, nos anos recentes...) foi observada pelos tradutores de poesia para esta língua é aquela atinente à natureza das rimas; destarte, muito verso que no original apresenta rima aguda (ou oxítona, ou masculina) tem, em português, recebido tradução com rima diversa daquela; semelhantemente, muito verso estrangeiro que apresenta rima grave (ou paroxítona, ou feminina) tem, nesta língua, recebido rima de natureza diferente da do original. Isto nada tem de repreensível quando se trata de poesia narrativa, ou quando se vertem, por exemplo, as tragédias e comédias do teatro clássico francês. Nesses casos, aliás, pareceria exagero respeitar convenção que é meramente formal e não contribui para intensificação do conteúdo.<sup>8</sup>

Outro é o caso, porém, quando se trata de poesia lírica, onde tudo (ou quase tudo...) concorre para reforçar ou para enfraquecer o que nela se expressa (não raro, simples e fugaz estado de espírito). A existência ou não de uma vírgula, ou de um conectivo, a supressão de uma letra, basta, às vezes, para acentuar (ou para entibiar) a atmosfera ou o tom desejado pelo poeta.<sup>9</sup> Será bom, nesse caso, que se procure conservar a natureza de cada rima na tradução. Do contrário,

corre-se o risco de perder alguma coisa que, embora de natureza evanescente (e talvez por isso mesmo), não deixa de ser essencial à poesia. Nem sempre, na realidade, é possível explicar a função que a natureza das rimas desempenha na poesia lírica: essa função é, muitas vezes, antes sentida do que compreendida. Mas por que haveria o poeta, sobretudo se já livre dos grilhões do classicismo e do academismo, timbrado com tanta freqüência em alternar rimas masculinas e femininas, por exemplo, se não atribuísse a isto algum sentido?

Disto se infere que a boa tradução é tão fiel quanto possível ao original. A fidelidade máxima ao original (que não se confunde com a impossível fidelidade absoluta) exige que, às vezes, seja repudiada a tradução literal, fiel à letra, porém, não raro, infiel ao espírito do original. Esta é a razão por que, com certa freqüência, onde o autor usou o plural, o tradutor emprega o singular (e vice-versa), ou, onde aquele lançou mão de palavra masculina, este se serve de palavra feminina (ou o contrário). O que importa é preservar o símbolo ou o símile — e se, para isto, for necessário empregar palavra de gênero ou número que o da utilizada pelo poeta, não deve o tradutor hesitar em fazê-lo.

Havendo procurado cingir-se à forma puchkiniana no que ela tem de rigoroso, entendeu o tradutor, porém, não devê-lo ser mais do que o próprio poeta. Assim, se nem todos os versos dodecassílabos de Púchkin são alexandrinos, o tradutor não viu razão para que os seus o fossem sempre.

O tradutor usou da elipse, sempre que isto lhe pareceu necessário e possível, a fim de reproduzir em cada verso da tradução o máximo do conteúdo do verso original correspondente. E empregou, claro está, outros recursos e artifícios que seria inútil enumerar aqui: o especialista identificá-los-á facilmente comparando o original e a tradução, e o leitor não-especialista, que está interessado apenas em conhecer a poesia de Púchkin, já leu o suficiente, nas linhas anteriores, sobre problemas de tradução.

Resta dizer como foi feita a seleção das poesias aqui incluídas. Púchkin deixou pouco mais de 600 poesias completas (não se incluem nesse número aquelas que ele introduziu em suas obras em prosa), além de perto de 30 inacabadas, pouco menos de 20 escritas “à semelhança de”, menos de 90 fragmentos, umas 24 traduções (algumas, não terminadas) de diversas línguas, e umas 10 criações em francês (nem todas acabadas).<sup>10</sup> Tudo isto integra o volume de suas poesias, e constitui apenas parte de sua obra, que inclui ainda poemas narrativos mais ou menos longos, o romance em versos *Evguêni Onêguin*, várias peças dramáticas (algumas, não concluídas), contos em verso, contos em prosa, narrativas de viagem, pesquisas históricas, além de muitos esboços, cenas de obras interrompidas, anotações e textos autobiográficos.

Os espécimes reunidos neste volume, em número de 100, estão todos classificados entre as poesias, que gozam da mais alta estima entre os leitores de língua russa, e às quais muitos prosadores e poetas se referiram sempre do modo mais desvanecedor. Gógol,<sup>11</sup> por exemplo, sobre elas escreveu o seguinte: “O conjunto de suas poesias breves é uma série dos quadros mais deslumbrantes. Aqui há de tudo: tanto o deleite, quanto a simplicidade e a instantânea subli-

midade do pensamento, que de súbito comunica um calafrio sagrado ao leitor... As palavras não são muitas, mas são tão precisas que expressam tudo. Há um espaço abissal em cada palavra; cada palavra é ilimitada como o poeta.”<sup>12</sup>

Com exceção de apenas dois versos,<sup>13</sup> os textos russos aqui reproduzidos foram extraídos de A. S. Púchkin, *Sotchinêniia v trekh tomákh*, tom pérvy, Moskvá, Khudójestvennaia literatura, 1985.

O selecionador procurou acolher apenas espécimes completos,<sup>14</sup> entre os que lhe pareceram mais perfeitos. Esforçou-se para que suas convicções filosóficas e sociais não influíssem na seleção. Assim, figuram no volume textos de tom religioso (por exemplo, o soneto *Madona*), e outros, de acento anti-religioso (por exemplo, a poesia “Quando o boato estrepitoso...”);<sup>15</sup> composição em que se revela certo conformismo supersticioso (a poesia “Protege-me, meu talismã...”), e outra, em que o poeta trata a superstição de modo claramente zombeteiro (*O talismã*); criações celebrando o vinho e o amor físico (*Canção báquica*), e outras, expressando o mais profundo desalento (“Sobrevivi a meus desejos”). Estão presentes não apenas o Púchkin lírico, mas também o satírico (*Ex ungue leonem*), o zombeteiro (“Estou, *Inesilla...*”) e o cívico (*A Tchaadáev*). Figuram aqui criações compostas desde 1816, quando o poeta era ainda adolescente, até 1836 (o poeta morreria em 1837). De cada ano há neste volume pelo menos uma poesia, e certos anos são representados por séries delas.

O anotador quase não teve que fazer. A poesia de Púchkin, na verdade, rarissimamente exige nota: este é um dos motivos por que ela está viva (os outros, evidentemente, são o talento superior do poeta, e o fato de ele haver expressado sentimentos ou tratado situações às quais os seres humanos não podem ser indiferentes). Assim, se do texto puchkiniano se depreende que determinado nome é o de rua ou local freqüentado pela classe abastada de então, haverá necessidade de engendrar nota que diga exatamente isto? Parece que não. Por este motivo, as poucas notas que aqui acompanham os versos de Púchkin, ou dizem respeito à tradução ou se limitam a informar quem foram as pessoas a quem as poesias são dirigidas.

A alegria e as angústias do amor, a amizade, o receio (mas também a aceitação) da morte, a sucessão das gerações, tais são alguns dos temas principais da lírica puchkiniana. Entre eles ressalta, porém, o culto da beleza feminina, motivo de muitas das mais significativas composições desse poeta. Para Púchkin, de fato, a mulher jovem e bela era ser divino que ele não podia deixar de adorar.

No final desta antologia, antes do índice, o leitor encontrará relação de todas as poesias selecionadas, na ordem cronológica em que foram compostas por Púchkin. No caso de “Não, eu não aprecio o gozo desvairado...”, sabe-se apenas que foi composta entre 1827 e 1836. O selecionador sugere que a ordem explicitada na relação seja observada quando for empreendida releitura dos espécimes.

As poesias figuram no volume na ordem em que foram traduzidas, e dá-se no índice a data de tradução de cada uma.

O organizador tem a impressão de que Púchkin, apesar de haver vivido durante época em que a existência humana era bem menos azafamada — embora

decerto não menos problemática —, anteviu a nossa, quando a maioria das pessoas, mergulhada na lufa-lufa dos negócios ou das necessidades da vida, mal goza de pausa para percorrer textos muito longos. Isto explicaria o fato de ele haver concentrado tanta beleza em poesias tão breves. Nem todos, infelizmente, dispõem de tempo ou de tranqüilidade bastante para ler a *Divina comédia*; poucos, porém, não poderão empregar alguns minutos diários na leitura de duas ou três poesias puchkinianas.

Numa delas, de apenas quinze versos (as incluídas nesta antologia vão de oito a oitenta versos), o poeta expressou de modo excelente o efeito que o súbito fulgurar da beleza pode ter naqueles que — não raro, até ignorando-o — estão preparados para recebê-lo. A poesia está incluída neste volume (“Magnificante cidadão...”). Ela fala de Critão, rico ateniense que, certa vez, a perambular pelo Cerâmico, presencia, inobservado, o aparecimento de uma ninfa. Ela se detém um momento e, depois, penetra num prédio ornado de colunatas, situado entre árvores e fontes. Critão permanece, imóvel e calado, a observar o portal por onde a aparição se fora. Púchkin não o explicita (não fosse ele o grande poeta que é), mas o leitor percebe que naquele momento o jovem aristocrata tivera súbita revelação da pulcritude.

Que cada uma das poesias reunidas neste livro seja causa de igual fulguração no espírito do leitor.

José Casado

#### NOTAS AO PREFÁCIO

1. O tradutor crê poder empregar sem receio o advérbio, pois a única tradução de poesia de Púchkin que conseguiu encontrar em português — intitulada *O cavaleiro pobre* e feita por Olavo Bilac — foi elaborada a partir de tradução em francês. Bilac desconhecia a língua russa. Ver o apêndice “Olavo Bilac, tradutor de Púchkin”, neste volume.
2. Pouco antes de iniciar a revisão das provas deste volume, o tradutor, folheando velhos exemplares do suplemento “Cultura”, de *O Estado de S. Paulo*, encontrou no de nº 43 (05-04-1981), artigo de Boris Schnaiderman sobre a prosa de Púchkin. O articulista informa que, baseado em análise minuciosa, por ele feita, publicada na revista *Colóquio-Letras* de Lisboa (nº 57, setembro de 1980), de doze versos de autoria do próprio Púchkin e por ele postos como epígrafe em sua novela *A Dama de Espadas*, Haroldo de Campos realizou tradução deles, transcrita no artigo. O fato não invalida a assertiva de que este é o primeiro volume de poesias de Púchkin, traduzido diretamente do russo, publicado em língua portuguesa.
3. *Poema*, na segunda acepção registrada por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira no *Novo dicionário da língua portuguesa*, é “composição poética de certa extensão, com enredo”: a mesma acepção tem o quase homófono russo *poema* (que se pronuncia com *é* aberto). *Poesia*, na segunda acepção registrada por aquele lexicógrafo, é “composição poética de pequena extensão”, e corresponde ao russo *stikhotivorénie*. Cada uma das duas palavras será, neste livro, usada na acepção indicada, mas *poesia* usar-se-á também no sentido de “arte de escrever em verso”, primeira acepção registrada no léxico indicado.
4. Não se contam como sílaba o *j* (forma abreviada de *je*), o *l'* (forma abreviada de *li*) e o *b* (forma abreviada de *by*), partículas empregadas por Púchkin. Na pronúncia, eles se ligam à sílaba final da palavra anterior, sílaba que passam a integrar na metrificação. Púchkin emprega outras formas

abreviadas, por exemplo, *pred* (de *péred*), *il'* (de *ili*), *uj* (de *ujé*), *zlotói* (de *zolotói*), *mej* (de *méjdu*), *sred* (de *sredi*), *ujel'* (de *ujéli*), *tchtob* (de *tchtoby*).

O tradutor procurou servir-se do mesmo recurso, empregando formas aferéticas admitidas e dicionarizadas: *inda*, *té*, *trás*, *pesar* (de *apesar*).

5. Das 34 poesias de Púchkin e dois fragmentos de *Evguêni Onêguin* incluídos por Jacques David em sua *Anthologie de la poésie russe*, tomo I (1740-1900), Paris, Stock, 1946, nada menos de 22 foram traduzidas, em parte ou no todo, em metro diverso do empregado pelo poeta. No que diz respeito à disposição e à natureza das rimas, raramente foi preservado o modelo original. Ademais, o tradutor francês lançou mão de rimas toantes, quando as de Púchkin são sempre consoantes.
6. Leiam-se as palavras de Maurice Baring (1874-1945), tradutor de Púchkin, citadas por Jacques David (obra indicada na nota anterior, p. 35): “To translate his poems into another language is as hopeless a task as it would be to try to transmute the melodies of Mozart into another medium, into colour or stone.” (Traduzir seus poemas em outra língua é tarefa tão desesperadora quanto seria a de tentar transmutar as melodias de Mozart para outro meio, para cor ou pedra.)
7. Escrevendo sobre tradução em geral, na *Encyclopaedia Britannica* (Macropaedia, v. 10, p. 1.043, 15. ed.), Kenneth Rexroth assim se expressa: “There are no satisfactory English versions, for example, of the Latin of Catullus, the French of Baudelaire, the Russian of Pushkin, or to the majority of Persian and Arabic poetry.” (Não há traduções inglesas satisfatórias, por exemplo, do latim de Catulo, do francês de Baudelaire, do russo de Púchkin, ou da maioria da poesia persa e árabe.)
8. Não obstante, existem traduções de tragédias e comédias do teatro clássico francês que respeitam com rigor a natureza das rimas do original. Por exemplo, as traduções russas de *Tartuffe*, por M. L. Lozínski, e de *Le Misanthrope*, por T. L. Chtchepkina-Kupernika, incluídas em *Mob'er* (Molière), *Izbrannye Komédii*, Moskvá, Gossudárstvennoie izdatelstvo detskói literatury, 1952.
9. Não raro, aquilo que parece mero artifício de metrificação apresenta ao leitor, como que cinematograficamente, o que o poeta expressa. Ao organizador deste volume pareceu sempre extraordinariamente eficaz o achado (haverá ele sido notado por outro leitor, especializado ou não?) do poeta anônimo de língua inglesa do século XIX autor destes versos: “Here doth Dionysia lie: / She whose little wanton foot / Tripping (ah, too carelessly!) / Touch'd this tomb and fell into 't.” A supressão do *e* de *touched* e do *i* de *it*, exigida pelo metro, adquire aí sentido expressivo: este leitor (mas apenas ele?) vê Dionísia, descuidosa, tropeçando em algo (o *e* que não está onde devia) e, depois, caindo (o *i* que desapareceu) no túmulo.
10. Contagem feita por outro leitor poderá resultar em números seu tanto diferentes. É quase impossível distinguir com segurança, por exemplo, o que se chama poesia inacabada do que se denomina fragmento. Pode-se pôr em dúvida, ademais, que certas poesias aqui consideradas completas realmente o sejam: é o caso da intitulada *Sojžónnoe pis'mó* (*A carta incinerada*). O texto só poderá ser considerado completo, se aceitarmos que Púchkin quis, com o último verso, romper o esquema de rimas emparelhadas com alternância de femininas e masculinas observado até o penúltimo verso. Caso a palavra com que finda o último verso não rimasse com nenhum dos versos mais próximos, o selecionador não haveria incluído essa bela poesia nesta antologia: mas a rima ocorre com o quartúltimo e o quintúltimo (*grudi / tcherty / listy*). [Na transliteração o *y* representa a letra russa denominada *ieri*, que se pronuncia como o ípsilon ou *i* grego: é freqüente, em Púchkin, o *i* rimar com o *y* — por exemplo, *ryl* e *molil* na poesia *Russalka* (*A ondina*).] O selecionador pode apenas asseverar não haver incluído neste volume poesia que fosse manifestamente incompleta.
11. Na transliteração, o apóstrofo após uma consoante significa, em geral, a palatização dessa consoante. Assim, o sobrenome do escritor Nicolai Gógol' deve, na verdade, ser pronunciado Gógolh.

12. “Sobranii ego melkikh stikhotvoreniie, — riad samikh oslepitel’nikh kartin. Tut vse: i naslajdeniie, i prostota, i mgnovennaia visokost’ mysli, vdrug ob-emliuchtchaia sviachtchennym kholodom vdokhnoveniia tchitateliia... Slov nemnogo, no oni tak totchny, tchto oboznatchaiut vse. V kajdom slove bezdna prostranstva; kajdoe slovo neob-iatno, kak poet.”
13. Os versos de que aqui se trata são o segundo e o quarto do segundo quarteto da poesia *Telega jfzni* (*A telega da vida*). Na edição russa, esse segundo verso é o seguinte: “My rady golovu slomat”, e o quarto verso, que deveria com ele rimar, apresenta-se incompleto, sem a parte final: “Kritchim: pochell!...” Para não deixar de incluir neste volume essa bela poesia, o selecionador seguiu, nesse passo, o texto dos dois versos dado por Jacques David na obra indicada na nota 4, pág. 150: “My pogoniaem s iamchtchikom / (...), / Kritchim: valai po vsem po trem!” Em nenhuma das obras indicadas dá-se explicação sobre essa divergência de texto.
14. Ver nota 9. O selecionador acrescenta que certas poesias incompletas encontram-se entre as mais belas da lavra do Púchkin. Se elas deixaram de ser incluídas neste volume, não é menos verdade que muitas das para ele selecionadas estão incluídas igualmente entre as mais perfeitas e mais admiradas produzidas pelo poeta.
15. Quanto ao título, as poesias de Púchkin se dividem em três grupos: a) as que têm título exclusivo; b) as que têm título igual ao(s) de outro(s) trabalho(s) do poeta; c) as desprovidas de título. O selecionador conservou, na tradução, os títulos das do grupo *a*; distinguiu cada uma das do grupo *b*, acrescentando-lhe ao título, entre colchetes, seu primeiro verso seguido de reticências; e deu por título, a cada uma do grupo *c*, seu primeiro verso, seguido de reticências, posto entre colchetes.